

A hermenêutica de Von Martius sobre as enfermidades e práticas de cura indígena na obra “natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros” de (1844)

Von Martius’s hermeneutics on diseases and indigenous healing practices in the work “nature, diseases, medicine and remedies of the Brazilian Indians” (1844)

Roberto Ramon Queiroz de Assis*

Resumo

Este artigo busca problematizar as descrições sobre as enfermidades e práticas de cura indígenas contidas na obra *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844)*. Trata-se de um estudo de caráter historiográfico por meio de dados etnográficos. Após análise do material observamos que os povos indígenas possuem uma cosmologia própria para lidar com os processos de adoecimento e cura. O naturalista Karl Friedrich Phillip Von Martius, ao se deparar com uma cultura distinta, em seus escritos, utiliza de um processo hermenêutico fazendo descrições sobre os nativos, a partir de seu universo cultural. Estabelecendo-se, desse modo, relações de poder e etnocêntricas, não havendo relatividade das culturas, notadamente as artes de cura indígena são desqualificadas pelo olhar do outro. Por fim, notamos que Karl Friedrich Phillip Von Martius ao exercer sua hermenêutica ele nos fornece meio de entender do outro, porém devendo sempre estar atento a tais construções, pois elas refletem sistemas culturais distintos que devem ser problematizados.

Palavras-chave: Hermenêutica; Indígenas; Práticas de cura

Abstract

This article seeks to problematize the descriptions of indigenous diseases and healing practices contained in the work *Nature, diseases, medicine and remedies of the brazilian indians (1844)*. This is a historiographical study through ethnographic data. After analyzing the material, we observed that traditional peoples have their own cosmology to deal with the processes of illness and healing. The naturalist Karl Friedrich Phillip Von Martius, when faced with a different culture, in his writings, uses a hermeneutic process making descriptions about the natives, from their cultural universe. Establishing power and ethnocentric relationships in this way, there is no space for cultural relativity. Consequently, the indigenous healing arts are disqualified by the gaze of the other. Finally, we note that Karl Friedrich Phillip Von Martius, when exercising his hermeneutics, provides us with a means of understanding the other, but we must always be aware of such constructions, as they reflect different cultural systems that must be problematized.

Keywords: Hermeneutics; Indigenous; Healing practices

*Graduado em História pelo Centro Formador de Professores de Cajazeiras da Universidade Federal de Campina Grande (CFP-UFCG), mestrando em História, Cultura e Sociedade no Centro de Humanidade da UFCG na linha de pesquisa História Cultural das Práticas educativas. E-mail: roberto.ramon9@gmail.com.

INTRODUÇÃO

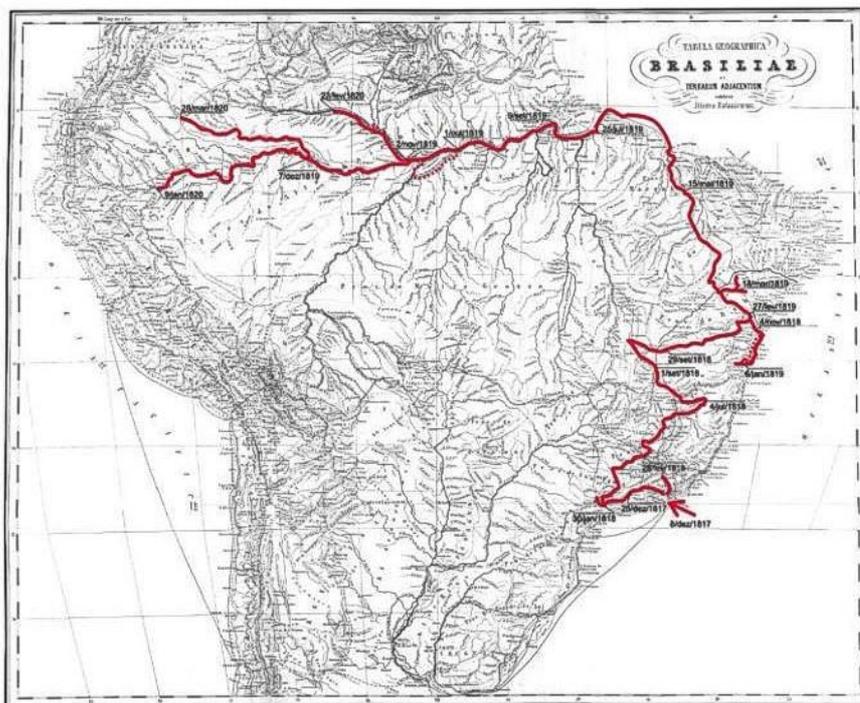
Este artigo busca problematizar as enfermidades e práticas de cura indígenas descritas na obra “*Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844)*” de Karl Friedrich Phillip Von Martius. A obra foi inicialmente publicada na Alemanha, sobre o título de “*Arztthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens*”, a versão que utilizo para essa pesquisa é do ano de 1939 e publicada pela Companhia Editora Nacional e difundida pela Brasiliense, biblioteca pedagógica nacional. A obra, que contém as observações do naturalista bávaro, é fruto de observações feitas em suas viagens por diferentes regiões do Brasil. E, em seu escopo, traz detalhes sobre os diversos povos indígenas que encontrou em suas expedições. Esta obra é importante por conter um traço histórico da Medicina sendo, dessa forma, um documento de relevância para a História da Saúde no Brasil.

Portanto, é como apontado por Anderson Pereira Antunes em seus estudos, ao dizer que os naturalistas têm um relevante papel para o conhecimento do mundo americano no período colonial (ANTUNES, 2015; ANTUNES; 2019). Pois, os viajantes “regularmente mantinham cadernos e diários onde registravam e sistematizaram uma série de informações sobre os locais que visitavam” (ANTUNES, 2015, p. 5). E, tais obras resultantes desse trabalho, nos fornece um conjunto de detalhes sobre vários aspectos da nossa história.

Em suas expedições, von Martius percorreu um vasto território do Brasil, que vai desde as regiões litorâneas do Sudeste, passando pela região Nordeste, adentrando os sertões e seguindo para a região Norte, Ver mapa 01. Não obstante, era comum estar em contato com povos locais por onde percorreu. Em sua obra, ela relata manter tanto com indígenas do grupo Macro-je como tupi-guarani.

Esses contatos, com povos nativos, segundo Anderson Antunes (2019), eram constantes e comuns entre os naturalistas. Dessa relação, podemos constatar que nasce uma rede colaboração, na medida em que os naturalistas viajavam, os mesmo utilizavam do conhecimento local para fazer suas descrições, que resultam em suas obras (ANTUNES; 2015; ANTUNES, 2019). Imaginemos naturalistas como Carl Friedrich Philipp von Martius, Johann Baptist von Spix, Henry Walter Bates, que desbravam regiões diversas do país, sem ter essas relações, acreditamos que manter contato com os povos nativos, bem como com a população local, era um meio de manter suas expedições e ampliar suas explorações, portanto essas redes de colaboração eram necessários aos mesmo.

Mapa 01: Percurso de Martius em suas expedições pelo Brasil¹.



Fonte: SPIX, Johann Baptist; MARTIUS, Carl Friedrich Philip von. *Viagem pelo Brasil* Editora da Universidade de São Paulo; Editora Itatiaia Limitada, 1981.

Em suas viagens, o naturalista teve contato, também, com os biomas brasileiros da Caatinga e Mata Atlântica, que resultou em obras como: *Flora brasiliensis* (1840-1906); *Novos Gêneros e espécies de plantas* (1824-1832); *História Natural das Palmeiras* (1823-1850); *Novos Gêneros e espécies de plantas* (1824-1832); *Sistemas dos remédios vegetais brasileiros* (1843) etc.

Não diferente, durante sua permanência no Brasil, o naturalista entrou em contato com povos indígenas Brasileiros, dos quais listamos por região: Províncias de Minas Gerais e São Paulo (Região Sudeste): Botocudos, Coroados, Puris, Coropós, Macuanis, pertencente ao grupo Macro-Jê de língua Jê. Províncias da Bahia, Piauí e Maranhão: Camacans, Goguês, Acroás, Aponegi-crans, Macame-crans, pertencente ao grupo Macro-Jê de língua Jê. Bacia do Rio Amazonas e seus afluentes: Murás, Mundurucús, Maués, Marauás, Jurís, Pacés, Jumanas,

¹ Para mais detalhes sobre o percurso de Martius pelo Brasil, ver o Atlas de Viajantes pelo Brasil disponível em plataforma interativa, que usa dados cartográfico e iconográfico, do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP), disponível em: https://viajantes.bbm.usp.br/?filters=nome_cluster:SPIX%2C%20Johann%20Baptist%20von%20e%20MARTIUS%2C%20Carl%20Friedrich%20Philip%20von

Cataquinas, Tecunas, Uaraicús, Coerumas, Uianumás Pertencentes ao grupo tupi-guarani, de língua tupi.

Promovida pelos contatos com diferentes grupos indígenas, e relação de alteridade entre a cultura de Martius, revela que a atmosfera a qual a obra é produzida está repleta de aspectos etnocêntricos. Na análise de Lévi-Strauss (2008), o etnocentrismo, se caracteriza como uma forma de olhar para o outro, onde aquele que observa, faz a descrição do outro a partir de seus valores, sem considerara, muita das vezes, a cultura alheia a sua. von Martius, naturalista alemão, quando fez sua viagem exploratória ao Brasil no século XVIII, tem um choque pela estranheza causada perante a um sistema cultural e social distante daquele que ele, como homem letrado, compartilhava na Europa.

Dessa forma, a partir de seus conhecimentos das ciências botânicas, estabelece uma relação de etnocentrismo com a cultura do outro, usando de seus valores, tidos como modelos, para subjugar, classificar e traduzir a cultura indígena das curas. Por esse motivo, é comum encontrarmos nas obras desse período, termos como selvagens, primitivos, insensíveis para descrever os povos nativos do Brasil.

A partir dessa perspectiva, e estando ciente do contexto social, cultural e científico a qual a obra *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844)* foi escrita, pretendemos levantar e problematizar os dados que dizem respeito às enfermidades e práticas de cura dos povos indígenas brasileiros descritos nesta obra supracitada, que nos propomos a estudar. Vale salientar, que von Martius faz referência a diferentes grupos indígenas, muita das vezes fazendo colocações generalistas, que nos impossibilita distinguir de qual grupo o autor descreve as artes de cura. Porém, salientamos que cada um dos povos indígenas possuem uma cosmologia própria para lidar com os processos de adoecimento e cura no seu dia a dia.

Como exemplo, os Botocudos (compostos por grupos distintos de indígenas falantes da língua Jê), são citados por von Martius como veneradores dos astros solares, como a Lua. Tais qualidades da lua como “em noites de luar, os logares sonbrios são mais quentes do que os expostos ao luar; mas se esta qualidade da luz reflectida pela lua chega a ser nociva ao ponto de impressionar os filhos da selva” (MARTIUS, 1844, p. 74). Um dos exemplos dessa veneração, e apresentação dos filhos recém-nascido à lua, “na crença de que se as mesmas criancinhas não forem assim apresentadas, serão pacientes de pungentes cólicas” (MARTIUS, 1844, p. 74).

Dessa forma, esta obra que se apresenta quase que um relato etnográfico, que foi produzida a partir de expedições realizadas entre os anos de 1817 e 1820 pelo naturalista bávaro Karl Friedrich Phillip von Martius onde o mesmo, ao percorrer grande parte do território nacional, faz um levantamento de tais práticas de curas e concepção de saúde e doenças dos povos indígenas locais, tais informações que são caras para a nossa pesquisa.

A obra de von Martius, faz uma descrição minuciosa das práticas de cura indígenas, onde tomamos como elemento orientador da análise, a ideia de que os indígenas compartilham de um conjunto de saberes e práticas próprias que se expressam como formas de lidar com as doenças e restabelecer a saúde. Ancorados em pesquisas antropológicas e históricas, defendemos a ideia de que o acontecimento mórbido entre os indígenas é vivido de forma coletiva e não individualizada, onde o “pajé” torna-se o responsável pela cura da sua tribo e é portador de um conjunto de conhecimentos que visa tratar das enfermidades de sua comunidade (BELTRÃO, 2000; FLECK, 2016; LUZ, 2005).

Achamos pertinente fazer este estudo pelo fato de pode proporcionar o entendimento das artes de curar indígenas descritas no século XIX. Por ele, podemos denotar a existência de uma ancestralidade das artes de cura, um saber que nos dias atuais estão sendo marginalizados, esquecidos por sistemas econômicos, sociais e culturais. Na atualidade, percebemos que as culturas indígenas estão marginalizadas por uma cultura da civilização do outro, que é voltada para a diferença, e esta diferença implica o rompimento com as culturas tradicionais em nome da inserção dos indivíduos dentro de uma sociedade capitalista e do um sistema de consumo em massas, seria essa uma forma de “civilizar” o outro pela cultura moderna.

Este estudo baseia no método de cunho etnológico e historiográfico acerca dos povos indígenas brasileiros que será feito a partir da obra *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros* que contém dados que descrevem os elementos destes estudos, tais como: doenças e práticas de cura indígenas. Os dados levantados serão analisados e confrontados, à luz da perspectiva histórica e cultural. Concebemos esse livro enquanto uma fonte histórica com dados etnográficos e antropológicos, de onde partirá as nossas análises. Os dados que compõem este livro são, portanto, vestígios de um passado que se refere aos povos indígenas e sua relação com as enfermidades e as curas.

Este artigo está dividido em três partes, a primeira intitulada de “Sobre o olhar do outro: o signo da diferença” busca discutir questões pertinentes a valoração das culturas alheias. No segundo tópico, intitulado de “As doenças”, buscamos descrever as doenças registradas na obra de Martius, bem como discutir suas classificações e nosologias. Por último, em “Remédios e artes de cura indígena” tratamos das terapêuticas e usos tradicionais das plantas no tratamento das enfermidades. Em ambos os tópicos discutimos a relação de alteridade entre a cultura local, representada pelos saberes indígenas e a cultura européia traga na formação de von Martius.

SOBRE O OLHAR DO OUTRO: O SIGNO DA DIFERENÇA

À primeira vista, a obra de von Martius situa-se sobre o signo da diferença do eu em relação ao outro. Todas as considerações acerca dos índios, suas enfermidades e práticas de curas são feitas em contrapartida do modelo de civilização eurocêntrico, espaço de formação do naturalista que, ao olhar para os indígenas, nega toda sua riqueza e aspectos próprios da cultura do outro. Sabermos que todas as sociedades possuem um processo formativo, cultural e social que são peculiares a sua organização.

Sobre essa afirmação, podemos levantar dois conceitos que guiam nossa análise da obra, o primeiro diz respeito ao etnocentrismo, que na análise de Lévi-Strauss (2008), se caracteriza como uma forma de olhar para o outro, onde aquele que observa, anota e descreve, como o von Martius fez em seus estudos. O naturalista, ao se deparar com os indígenas brasileiros, tem um choque pela estranheza causada perante a um sistema cultural e social tão distante daquele que ele, como homem letrado, compartilha. Dessa forma se estabelece o etnocentrismo, onde o outro usa de seus valores, tidos como modelos, para subjugar, classificar e traduzir a cultura do outro, sendo comum encontrarmos termos como selvagens, primitivos, insensíveis para descrever os povos nativos do Brasil.

Desse modo, Lévi-Strauss (2008) nos aponta que essa característica eurocêntrica se estabelece desde tempos antigos,

Deste modo a antiguidade confundia tudo o que não participava da cultura grega, (depois Greco-romana) sob o nome de bárbaro; em seguida, a civilização ocidental utilizou o termo de selvagem no mesmo sentido. Ora por detrás destes epítetos dissimula-se um mesmo juízo: é bem provável que a palavra bárbaro se refira etimologicamente à confusão e à desarticulação do canto das aves opostas ao valor significativa da linguagem humana; e selvagem, que significa da floresta, evoca também um gênero de vida animal, por oposição à cultura humana. Recusa-se, tanto num como noutro caso, a admitir a própria diversidade cultural; preferimos repetir da cultura tudo o que esteja conforme a norma sob a qual se vive. (LÉVI STRAUSS, 2008, p.19)

Dessa maneira, podemos apontar as marcas do etnocentrismo na obra de von Martius, onde o naturalista, em seus apontamentos, não foge dessa regra. Como citado anteriormente, ao se defrontar com os povos nativos do Brasil, trataram de lançar mão de um processo de hermenêutica, significando e classificando o outro a partir de si e seus valores. Não existindo, dessa forma, a presença da alteridade entre esses dois mundos distintos, que possuem

organizações sociais diferentes, cada uma com suas peculiaridades, sem necessariamente estabelecerem uma relação de subordinação ou dominação de uma cultura sobre a outra.

Segundo Todorov, observamos que o outro também pode ser visto com um eu, em suas singularidades e particularidades culturais:

Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não se é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim (TODOROV, 1983, p. 3).

Notamos, até esse momento, que a forma como caracterizamos o outro também diz algo sobre nós, pois somos devedores de uma cultura, falamos por ela e respondemos a um conjunto de valores que estamos inseridos e os compartilhamos. Portanto, nas arestas deixadas por nossas falas, discursos e escritos podemos encontrar pedaços do meio que vivemos. Nesse caso, o eu pode ser entendido como um produto do meio e da cultura que os formam.

Do ponto de vista da antropologia, o Eu referido não é o indivíduo em si; nem tampouco o é o Outro. O eu é sempre um ser coletivo, transcendental, é a cultura que está embutida em cada indivíduo; o Outro é simplesmente uma outra cultura, uma cultura que se coloca como objeto de entendimento (GOMES, 2009, p. 53).

O outro, como os indígenas brasileiros, na obra de von Martius, será uma abstração feita por ele, uma configuração cheia de sentidos construídas em contraposição ao eu que von Martius representa, como salientado por Todorov (1983, p. 3):

Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie (TODOROV, 1983, p. 3).

Por esse motivo, quando von Martius faz descrições do outro, ele retira a possibilidade do outro existir em sua essência, o seu eu. Esta é uma relação conflituosa, mas podemos entender tais relações quando partimos da perspectiva que o Outro e o Eu são construídos sobre moldes culturais, dessa forma as concepções traga na obra de von Martius, estão estritamente relacionadas a um sistema cultural da segunda metade do século XVIII.

Anderson Antunes (2019), quando estuda o naturalista Henry Walter Bates em suas expedições pelo Brasil, descreve que quando o mesmo entra em contato com povos indígenas, apresenta as mesmas características citadas anteriormente, a de atribuir sentido ao outro a partir do seu contexto sociocultural e científico. Desse modo, “as referências de civilização para a construção de sua escala de desenvolvimento partiam de sua própria sociedade natal, revelando o seu olhar europeu sobre as sociedades indígenas com as quais teve contato” (ANTUNES, 2019, p. 283).

Ainda sobre a construção do Eu e do Outro Nathália Carvalho (2017) destaca que tais formulações estão entrelaçadas por relações de poder, que resultam na criação da alteridade da identidade. Dessa forma, diz respeito quem tem poder de discurso sobre o outro, no caso von Martius, como homem letrado e da ciência, exerce sobre os povos nativos todo seu saber construindo um eu sobre os outros.

Do ponto de vista da antropologia, o Eu referido não é o indivíduo em si; nem tampouco o é o outro. O eu é sempre um ser coletivo, transcendental, é a cultura que está embutida em cada indivíduo; o Outro é simplesmente uma outra cultura, uma cultura que se coloca como objeto de entendimento (GOMES, 2009, p. 53).

Dessa forma, nomear, descrever e falar do outro é uma forma de objetificá-lo, e torná-lo palpável e plausível, esta plausibilidade que é buscada não tem compromisso com a verdade, muito menos com a singularidade do sujeito. “Portanto quando um indivíduo elabora definições, quando nomeia, quando cria identidades e imagens sobre o outro ele está demarcando fronteiras, diferenciando-se, afirmando sua posição de superioridade em relação ao diferente” (CARVALHO, 2017, p. 16). Dessa forma quando se descreve o outro criasse uma visibilidade e uma dizibilidade sobre o outro, que o enquadra segundo uma lógica dominante.

Esse fazer ver e dizer do outro, que aqui pretendemos observar, corresponde às doenças, enfermidades, moléstias ou males que acometeram os indígenas e foi relatado na obra de von Martius. A partir desse momento iremos concentrar nossos esforços em ver e perceber as doenças descritas na obra.

AS DOENÇAS

A obra está dividida em partes que articulam descrições de doenças e métodos curativos como: “Doenças”, “Afecções catarrais”, “Dermatoses”, “Doenças febris”, “Varíola”, “Febre”, “Hepatite crônica”, “Embarços gástricos crônicos”, “Espinheira”, “Sífilis”, “Afecções ósseas”, “Doenças dos órgãos respiratórios”, “Gota”, “Hemorroidas”, “Doenças dos órgãos dos sentidos”, “Gotta”, “Doenças mentais”. “Plantas medicinais”, “tratamentos”, “medicamentos do reino”: “animal”, “vegetal” e “mineral”. Dessa maneira o autor busca fazer descrições sobre as enfermidades acometidas.

Um estudo nosológico é observado, na medida em que o outro busca dar definições e causas das doenças, traçando suas origens. Muitos dos seus diagnósticos estavam relacionados também à estrutura física do indígena. Nesse sentido Aguiar e Costa (2012) nos mostra que as construções do indígena, contudo nesta obra revela uma fisiologia, e natureza desses povos, o estudos de von Martius portanto não nos fornece apenas elementos que se referem às enfermidade e curas mas também sobre o próprio indígena, é uma verdadeira descrição etnográfica dos indígenas e sua cultura.

Nas enfermidades que acometem os órgãos respiratórios, por exemplo, foram pouco notadas sua prevalência. Von Martius salienta, dessa forma, que a “conformação larga do tórax, o constante exercício do índio, fortalecido pelas caçadas ou por ocupações outras ao ar livre, clima favorável e brando, permitem que essa doença pouco se manifeste” (MARTIUS, 1979, p. 102).

É importante notarmos, que nas obras de naturalistas como Martius e Spix, tem uma estreita relação de colaboração a geografia e a climatologia médica. Tais estudos apontam uma estreita relação entre clima, ambiente e saúde. As regiões mais frias, como apontadas por von Martius, os grupos indígenas tinham uma maior tendência a ter doenças que atacam o sistema respiratório entre outras relacionadas à temperatura. Dessa maneira, “[...] o clima e ou as condições atmosféricas, constituem fatores de grande significado, cuja importância varia de acordo com a doença em questão e com as características físicas, psicológicas e culturais dos indivíduos” (PITTON; DOMINGOS, 2004, p.76).

Segundo von Martius, as infecções catarrais

(...) desenvolvem-se na esfera intestinal, e se manifestam por complicadas diarreias, pleurisias, inflamações dos olhos, garganta e ouvido, ou também por parotidites. As inflamações catarrais da garganta, da cavidade bucal e dos olhos, produzidas por tais causas, são menos raras do que as do baixo ventre (MARTIUS, 1979, p. 62).

Assim como as complicações catarrais, a febre é pouco notada entre os indígenas:

No que propriamente se refere à febre, já dissemos que a natureza apática e indolente do índio e a pouca energia das funções nervosas não correspondem ao desenvolvimento das formas mórbidas, suportadas ou refletidas pelo sistema nervoso. Como caráter mais geral pode nesse particular, ser citado que o silvícola brasileiro não apresenta periodicidade muito decisiva em todas as suas doenças. Por isso, as febres intermitentes – taçúba-ayba. A febre terça – taçúba-ryry, é ainda mais rara do que a quartã (MARTIUS, 1979, p.79).

Mesmo assim, a febre está entre um dos males que mais causavam óbitos nos povos indígenas, principalmente aquelas que eram decorrentes de doenças como a varíola e o sarampo, trazidas pelos europeus para a América e que foram altamente letais. Este contato introduziu outras doenças de origens virais e bacterianas como a sífilis, tuberculose, gripes entre outras.

As doenças estrangeiras, consideradas malignas

(...) não respeita idade nem sexo; entretanto, para as pessoas mais idosas, de temperamento atrabiliário ou melancólico, para as mulheres grávidas e parturientes, de preferência, é perigosa; e, ao contrário, se torna mais facilmente suportada por indivíduos moços e fortes (MARTIUS, 1979, p. 76).

O autor, ainda nos faz algumas constatações sobre o processo de adoecimento dos indígenas, ele nos mostra que os fatores como clima e geografia também podem influenciar no processo de adoecimento, como já aponta alguns estudos (SOUZA; NETO, 2008; SETTE, 2008). Desse modo, o autor descreve algumas enfermidades que podem acometer a grupos indígenas de determinadas localidades e a existência de doenças que possuem estreita relação com o clima ou então agravado pelo mesmo como reumatismo, gripes, problemas respiratórios e de pele.

Nos casos das dermatoses e problemas relacionados à pele, elas tinham estreita relação com a “vida anfíbia desses selvagens, de sua má alimentação e do hábito de se juntarem com banha de jacaré e de peixe-boi” (MARTIUS, 1979, p. 71) algumas infecções catarrais que “se manifestavam acompanhadas de complicação gástrica ou biliosa e envolvem benignamente sem sequelas, com ou sem estado febril” (MARTIUS, 1979, p. 66). Observamos que as doenças, que acometem os povos indígenas, tem relação com seus hábitos diários.

Outros motivos que levavam à morte dos indígenas, segundo o autor, eram aquelas causadas por abuso de "aguardente" (MARTIUS, 1979, p. 73) que leva a complicações hepáticas e sífilis. O alcoolismo ainda estava ligado a agrados de ordem moral, no caso do seu uso abusivo poderia levar a "perversão moral para a raça", e poderia causar o aparecimento de outras enfermidades com o "recrudescência dos sofrimentos hepáticos", hemorroidas e o aumento dos índices de mortalidade (MARTIUS, 1979, p. 103).

Outro aspecto interessante que é observado na obra de von Martius, diz respeito às faculdades mentais dos indígenas. O autor chega a aproximá-los de animais irracionais. Não existia por parte de von Martius a necessidade de compreender a ótica de vida dos indígenas, que é diferente, logicamente, daquela que von Martius compartilha, vejamos:

Estando os sentidos unicamente ocupados com a satisfação das necessidades da vida, é claro, que não lhes podem servir de instrumentos para mais elevadas observações. Falta-lhes aquela sensibilidade requintada, resultante da atividade da observação sensorial, por assim dizer, nessa desconhecida harmonia com o espírito (MARTIUS, 1979, p. 30).

Tais concepções têm uma vasta relação com a cultura europeia, comum em obras de outros naturalistas desta região, que costumam caracterizar os povos locais como incapazes de produzir abstrações e teorias mais elaboradas sobre o suas artes de cura. Mas, devemos apontar que parte das observações sobre saúde, doença, e medicamentos feitos por von Martius é resultado da interação com os indígenas. Logicamente, os pajés como agentes de cura, bem como os demais membros de uma comunidade indígena, demonstram ter um conhecimento elevado da flora, clima e suas características curativas (ANTUNES; MASSARANI; MOREIRA, 2019, p. 139). Nesse sentido, os indígenas foram agentes colaboradores na produção dos trabalhos e observações de von Martius, bem como de outros naturalistas.

No que tange aos sentimentos, segundo as observações de von Martius, eles se afluíram de forma instintiva, como no caso do amor familiar entre mãe e filhos. Salienta ainda a falta de sensibilidade e o amor ao próximo. Nos discursos observamos uma busca, de forma incessante, de enquadrar os nativos em um lógica sub-humana. Os afastando de todo o sentido e lógicas que dotam a espécie humana: Capacidade reflexiva de produzir símbolos, os retira a capacidade de ter uma cultura própria, pois na ótica do naturalista os nativos não pensam racionalmente.

Neste tópico, apostamos algumas doenças relatadas por von Martius me sua obra, que resulta das observações feitas dos povos indígenas. Na mesma obra, o autor traz elementos relativos a práticas terapêuticas dos indígenas, aspectos que iremos abordar a seguir.

REMÉDIOS E ARTES DE CURA INDÍGENA

“sempre se queixa de dor no coração, mesmo quando o mal se acha nas extremidades” (MARTIUS, 1979, p. 173).

Como observado nos tópicos anteriores, os indígenas compartilham de uma forma particular de perceber o adoecer, nesse sentido o ato de curar também parte de uma lógica própria. Ainda não pontuamos, mas as origens das doenças nas concepções nosológicas dos indígenas partem de um plano que não é puramente físico, as doenças são concebidas como produtos de forças espirituais que atingem o corpo e levam o adoecimento físico com o aparecimento de sintomas (AURELIANO, 2011; SILVEIRA, 2022).

Dentro deste contexto, o curar também parte da mesma perspectiva do processo de adoecer, onde, são forças mediadas por seus líderes espirituais, notadamente o “pajé”, que são acionadas para promover o curar. Tais rituais de cura, são conhecidos como pajelanças, que incluem cantos, danças e usos de remédios naturais. Observamos que a cura entre os indígenas pode ser concebida também, como uma arte, que possuem uma estética própria para serem efetuadas (PIMENTA, 1998).

Estudos apontam, dessa maneira, o relevante papel social que o pajé exerce dentro das comunidades indígenas. Fato este que chamou atenção aos colonizadores e os viajantes que “incitou claro antagonismo, gerado no conflito de competência entre as funções do pajé, maior guardião do conhecimento historicamente acumulado” (BOTELHO, 2006, p. 930) entre os atores colônias e viajantes que se deparam com os grupos indígenas.

Tais constatações, podem ser notadas nas observações de von Martius, que apesar da complexidade contida nas artes de cura indígenas, vemos que o explorador viajante busca enquadrar tais práticas como simples:

O tratamento do índio é muito simples e uniforme. A sua imperturbável indiferença ou, antes, estúpida calma que conferiu ao brazilicola, um temperamento próprio, também se reflecte no modo por que trata seus doentes. Uma demora fatalista, muitas vezes, deixa perder a ocasião oportuna e mau exito da doença é motivado muito mais pelo tratamento retardado e deficiente, do que por intervenções enérgicas e precipitadas. O pagé nunca é um mestre; quando muito, é um ministro da natureza. Enquanto, na Europa, a Faculdade de Medicina se occupa, primeiramente, de estudar a etiologia da doença, o pagé se limita á observação, muitas vezes, sei diagnostico preciso e sem indicação, como irresoluto espectador do processo morbido (MARTIUS, 1979, p. 269).

Notamos, nesta citação, mais um processo de etnocentrismo, em que as práticas de cura indígenas são desvalorizadas pelas práticas médicas ditas científico-oficiais, estas que vigoram na Europa.

Dessa forma, von Martius usa de elementos de sua cultura para descrever a do indígena como a outra, menos valorizadas. É importante notarmos que cada uma das artes de cura, seja ela dita oficial ou práticas popular, partem de perspectivas próprias, que não implica desqualificar uma em detrimento de outra, pois cada uma delas estão ligadas aos sistemas culturais que a formaram e cada uma possui a sua devida importância e eficácia esperada.

A estranheza das práticas de cura indígena, é notória na obra de von Martius:

Para isso assume um aspecto sério, sombrio, e, de vez em quando, sacode o maracá. Esse é o fruto oco da cuitzeira, ou uma cabaça sobre uma vara, enfeitada com penas de várias espécies de pássaros, garras de animais etc., e cheia de pedrinhas, até pela metade. É um símbolo de sua dignidade e também portador de sua força mágica. O pajé crava-o no chão, após tê-lo brandido com gestos extravagantes, e, como oráculo, escuta o ruído produzido pelas pedrinhas quando caem. Ele e sua aliada parceira médica (feiticeira) são por isso chamados de maracá-imbâra, nome com que os missionários costumam indicar um feiticeiro ou mágico (MARTIUS, 1979, p. 174).

O processo de cura era complexo e longo, passava-se por jejuns, restrições de luz e medicamento naturais, o adoecer era vivenciado não só pelo “pajé” ou pelo doente, mas toda a família do enfermo que acompanhava o processo de cura de forma participativa, clamando por cura e remédios, no leito do doente.

Algumas práticas de prescrições são indicadas na obra *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros* (1844), das quais citamos: banhos frios; induzir o vômito e sudorese; sugar ferimentos para retirar veneno; vigiar o jejum; vigiar o silêncio; vigiar interdição de luz e ar; realizar massagens e fricções; escarrar; fumigar com charuto; friccionar com plantas odoríferas e com sangue; realizar escarificações e sangria e realizar exorcismo (MARTIUS, 1979).

Algumas intervenções são feitas pelos pajés, tanto com o intuito curativo como o de prevenir o aumento ou proliferações dos males, das quais von Martius cita: realizar punção da gengiva em casos de dores de dente; imobilizar de membros fraturados com palmas do açai; preparar curativo para ferimentos; tratar feridas com fogo; realizar aborto (MARTIUS, 1979).

Outros métodos curativos eram utilizados para o tratamento das enfermidades como a administrar infusões quentes ou decocção de ervas, raízes, madeiras; administrar de substâncias feculentas como remédio; administrar cataplasmas de ervas escaldadas, pomadas e bálsamos; administrar remédios preparados com plantas medicinais frescas; administrar beberagens quentes (MARTIUS, 1979).

As sangrias foram outro método curativo utilizado pelos indígenas. Elas tinham por objetivo expelir, por meio de cortes o mal que se instalava no corpo sai nas sangrias:

Finalmente, as habilidades do pajé como cirurgião se resumem a poucas manipulações muito grosseiras: escarificar, sangrar e entalar fracturas. Nas doenças geraes, as escarificações são feitas no thorax, e nas locaes, nos logares intaminados. O pagé para isto se utiliza da ponta aguçada do bico do gavião, do tucano ou do ferrão da arraia. A sangria é feita com este ferrão ou o dente afiado do quati; varias tribus situadas a leste do Brasil, por exemplo os Coroados, Puris e Botocudos, a praticam atirando sobre a veia, por meio de pequeno arco, uma flexazinha cuja ponta é um fragmento de crystal de rocha (MARTIUS, 1979, p. 281)

A partir desses modos de curar, von Martius traça um perfil do médico do Brasil: aquele que atua com forças espirituais e ervas da natureza, e no que diz respeito a sua prática e eficácia:

O médico dos brasis, em todo tratamento, emprega remédios que são forças misteriosas para ele e para os doentes. No que diz respeito à natureza desses remédios, sobre os modos como atuam e curam, não tem ele, absolutamente, ideia clara e precisa; por isso, em todo caso clínico, sua conduta médica é vacilante, o prognóstico incerto e o êxito duvidoso (MARTIUS, 1979, p. 127).

Pelas particularidades apresentadas nas artes de cura indígena, que fogem do mundo simbólico em que o viajante von Martius está inserido, em sua obra, pela forma como é conduzida, notamos que o saber indígena da arte de cura é menosprezado e não é digno de atenção mais profunda quando comparada com a medicina científica de base hipocrática. Revelando, dessa maneira, a fragilidade do olhar de von Martius, que não reconhece outros sistemas de cura em sua singularidade, a não ser aquele que o próprio está inserido e, que o toma como base, sendo assim a sua forma de ver o outro é um tanto reduzida.

CONCLUSÃO

A obra *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros* é uma fonte etnográfica primordial para o entendimento dos contextos socioculturais dos povos nativos no Brasil. Apesar de seus problemas etnocêntricos, a obra nos fornece vastas informações que precisa de um olhar cuidadoso e crítico, que seja capaz de notar sobre quais óticas e aspectos socioculturais foram feitas as descrições sobre o outro (indígena). Devemos sempre estar atento a tais construções, pois elas refletem sistemas culturais distintos que falam muito sobre quem escreve.

Dessa forma, se estabelece o etnocentrismo, onde o outro usa de seus valores, tidos como modelos, para subjugar, classificar e traduzir a cultura do outro, sendo comum encontrarmos termos como selvagens, primitivos, insensíveis para descrever os povos nativos do Brasil. Por esse motivo, é importante marcar que tal obra, como fonte histórica e etnográfica, está presa a uma concepção de mundo vigente no início do século XIX, se faz necessário saber lidar com suas informações, sempre suspeitando do seu caráter de verdade.

Embora os escritos de Martius reflitam uma visão preconceituosa da época, o viajante aborda, por outro lado, aspectos importantes da história dos povos indígenas. Em seu estudo, o naturalista faz um relato esclarecedor sobre as nefastas consequências do afastamento dos índios do seu habitat: “Os brasis mostram-se logo incomodados e aborrecidos por tudo que os afetem de modo contrário à sua vida anterior; em breve definham em consequências de profunda melancolia e desespero em que se acham (MIRANDA, 2017, p. 177).

Dessa maneira, como pontuado por Carlos Miranda (2017) a obra nos revela a forma como as diferentes culturas lidam com o processo de adoecimento e cura. Onde os indígenas possuem uma maneira própria de lidar com o adoecimento que integra elementos do seu meio. Como as plantas, água, animais etc. são utilizados para curar os enfermos.

Dessa forma, um processo de hermenêutica é instalado sobre os nativos, von Martius é aquele que nomeia e corporifica e torna dizível o outro a partir de si. Tais construções são feitas de modo a separar o eu do outro. Entender esta narrativa do outro foi, pois, uma tarefa complexa porque demandou atenção e uma reeducação do olhar para entender ambos os sujeitos que estavam inscritos na obra: o eu do autor e o outro do indígena. Perceber este “eu” foi entender também o que ele não é a partir da descrição do “outro”.

Neste conflituoso jogo hermenêutico do eu sobre o outro, percebemos as artes de cura dos indígenas e seus modos de entender o adoecer. Está análise, sucinta mais estudos, devidos à complexidade e volume da obra, que a partir dela podem surgir novos estudos que possam entender o indígena e sua inserção na obra de von Martius.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, João Bosco; COSTA, Hideraldo Lima da. Pajé: reconstrução e sobrevivência. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 13, n. 4, p. 927-956, dez. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702006000400009>.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1979.
- CARVALHO, Nathália Tomagnini. **O olhar estrangeiro para as doenças, os remédios e as práticas de cura indígenas**: uma análise da obra *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844)* de Karl Friedrich Phillip von Martius. 2017. Tese de Doutorado.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Raça em História**. Lisboa: Editorial Presença, 2008.
- GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**: ciência do homem, filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. Trad. Maria Isabel Braga. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura. In: **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura**. 2011. p. 523-523.
- AGUIAR, JOSÉ OTÁVIO; COSTA, R. B. Fisiologia e naturezas humanas na obra de Von Martius: um estudo da obra, natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros, publicada em 1844. **13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. São Paulo**, p. 1-9, 2012.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. A produção jesuítica sobre as artes de curar: reavaliando protagonismos, experiências e trocas interculturais (América platina, séculos XVII e XVIII). **Anais de História de Além-Mar**, v. 17, p. 59-100, 2016.
- LUZ, Madel T.. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século xx. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 15, n. , p. 145-176, 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312005000300008>.
- BELTRÃO, Jane Felipe. A arte de curar dos profissionais de saúde popular em tempo de cólera: Grão-Pará do século XIX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 6, p. 833-866, 2000.
- PITTON, S. E. e DOMINGOS, A. E. Tempos e doenças: efeitos dos parâmetros climáticos nas crises hipertensivas nos moradores de Santa Gertrudes - SP. In: *Estudos Geográficos*. Rio Claro, vol. 02, nº. 01, p.75-86, 2004.
- ANTUNES, A. P.; MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C. Practical Botanists and Zoologists: Contributions of Amazonian Natives to Natural History Expeditions (1846-1865). **História Crítica**. [online], n.73, p. 137-160, 2019
- SETTE, Denise Maria; RIBEIRO, Helena. Interações entre o clima, o tempo e a saúde humana. **InterfacEHS-Revista de Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 6, n. 2, 2011.
- SOUZA, Camila Grosso; NETO, João Lima Sant'Anna. Geografia da saúde e climatologia médica: ensaios sobre a relação clima e vulnerabilidade. **Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 4, n. 6, 2008.
- AURELIANO, Waleska de Araújo et al. Espiritualidade, saúde e as artes de cura no contemporâneo: indefinição de margens e busca de fronteiras em um centro terapêutico espírita no sul do Brasil. 2011.

SILVEIRA, Nádia Heusi. Considerações sobre saúde indígena no Brasil a partir de alguns estudos antropológicos fundadores. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas** [online]. 2022, v. 17, n. 1 [Acessado 17 Agosto 2022] , e20210003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2021-0003>>. Epub 06 Maio 2022. ISSN 2178-2547. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2021-0003>.

PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros- sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 349-374, out. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59701998000200005>

Artigo recebido em 24/03/2022 e
aprovado para publicação em 18/08/2022